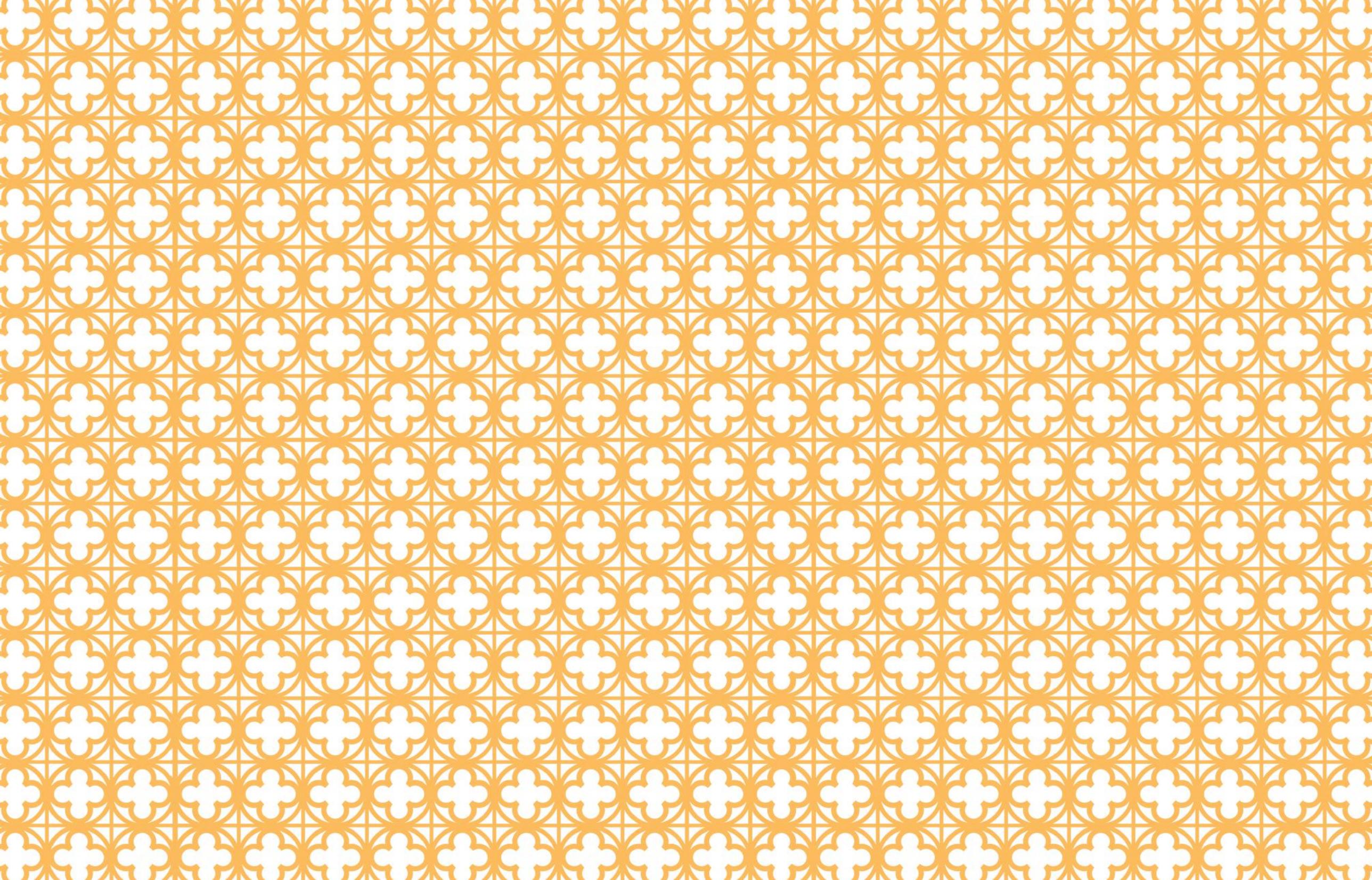


# IMAGINA UM TESOURO

Quatro lugares que vais  
guardar como um tesouro



MOSTEIRO DE ALCOBAÇA • UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ALTA E SOFIA  
MOSTEIRO DA BATALHA • CONVENTO DE CRISTO EM TOMAR



# IMAGINA UM TESOURO

Quatro lugares que vais guardar  
como um tesouro



© 2019, Câmara Municipal de Alcobça, Câmara Municipal da Batalha,  
Universidade de Coimbra, Câmara Municipal de Tomar  
Título: Imagina um tesouro — Quatro lugares que vais guardar como um tesouro  
Textos: Planeta Tangerina/ Isabel Minhós Martins e Maria Manuel Pedrosa  
Ilustrações: Nádia e Tiago Albuquerque  
Projeto gráfico e paginação: Planeta Tangerina/ Joana Pardal  
Revisão: Carlos Grifo Babo  
1.ª edição: Novembro 2019  
Depósito legal: 462625/19  
Impressão: Gráfica Maiadouro

IMPRESSO EM PORTUGAL

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro,  
nem a inclusão em sistema informático, nem a sua transmissão por qualquer forma  
ou por qualquer meio, seja eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação e outros métodos,  
sem autorização prévia, por escrito, do editor.

PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE  
CENTRO E PORTUGAL  
[www.patrimoniomundialdocentro.pt](http://www.patrimoniomundialdocentro.pt)

Promotores



Co-Financiamento



Parceiro Estratégico

Direção Geral de  
Património Cultural

Colaboração institucional

Direção Regional de  
Cultura do Centro



## Imagina...

Imagina um lugar habitado por pedras, plantas, animais... e, a certa altura, pessoas. Pessoas dotadas de tal imaginação que conseguem sonhar com o que ainda não existe, fazer projetos, desenhar soluções. Pessoas com um espírito tão inquieto que, por vezes, neste lugar, as mudanças acontecem a grande velocidade. Sem olhar para trás.

Imagina o tempo a passar. E, à medida que o tempo vai passando, imagina todos os povos que aqui moraram, os instrumentos que inventaram, as aldeias que cresceram até se tornarem cidades, os costumes diferentes de todos esses povos, as suas formas de falar, comer, rezar, construir ou dançar.

O tempo continua a passar e tu continuas a imaginar. As diferentes civilizações, línguas e culturas. Os castelos que se foram construindo, os mosteiros, as universidades. E, dentro deles, as profissões, os saberes e as artes. Imagina o que foi preciso aprender! Experimentar. Errar. Voltar a experimentar. O esforço de quem ergueu paredes, pedra por pedra, tantas vezes derrubadas para dar lugar a outras pedras e assim responder a outras necessidades, outras funções. Outros tempos.

Felizmente, a certa altura da História, fomos capazes de olhar com atenção para o que tínhamos neste lugar. Um lugar enorme, cheio de países, mas, ao mesmo tempo, um lugar tão pequeno, onde nos conhecemos agora to-

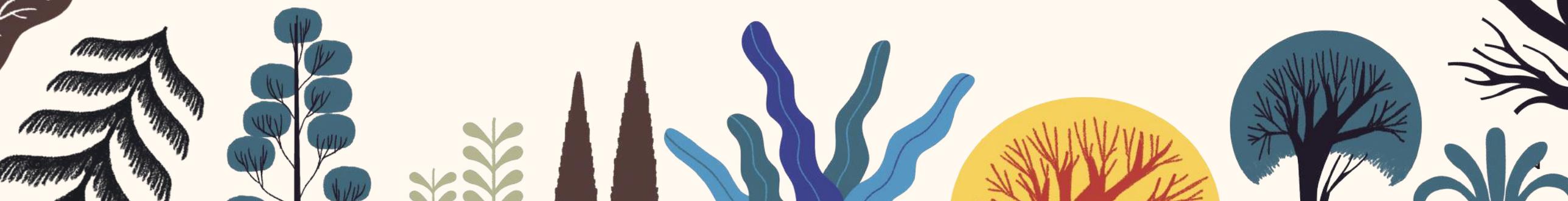
dos mais ou menos bem. Um lugar de onde nos avistamos uns aos outros e onde sentimos curiosidade uns pelos outros. Onde procuramos respeitar-nos, mas onde — sabemos-lo bem — é preciso construir a paz todos os dias e garantir que as atividades humanas convivem em harmonia com o planeta, o nosso mundo (pois é deste lugar que falamos, claro!).

Olhámos com atenção para este lugar incrível e dissemos: já cometemos muitos erros, é verdade, mas é importante que se saiba como a Humanidade, a nossa grande família humana, tem sido também capaz de proezas incríveis.

Olhámos para tudo e concordámos que alguns lugares e algumas criações são como marcos na nossa História. Não apenas na História desta cidade ou daquele país, mas na História de toda a Humanidade, de todos os humanos que já habitaram, habitam ou virão a habitar este mundo.

Foi assim que começámos a criar uma lista. Uma lista de sítios e construções que consideramos “Património Mundial da Humanidade”, tão importantes para a nossa História coletiva que merecem ser conservados e protegidos. Por todos e para todos. Como um tesouro comum que identificamos e protegemos para as gerações seguintes. Um tesouro que passa de mão em mão.

Imagina agora que conseguíamos, todos juntos, preservar estes lugares e tornar esta lista cada vez mais especial. Não seria fantástico?



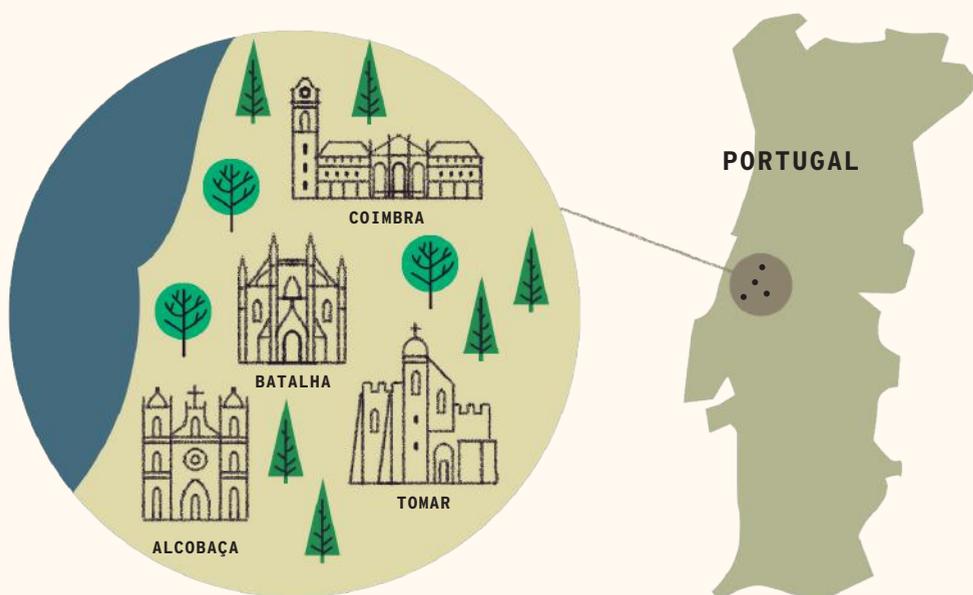
## E agora imagina a melhor parte...

Imagina que temos no nosso país, apenas a alguns quilómetros de distância uns dos outros, quatro lugares assim especiais. Quatro lugares que, por diferentes razões, foram considerados Património Mundial da Humanidade. Quatro lugares que não só nos permitem descobrir a História e a cultura do nosso país, como merecem a atenção e o respeito das pessoas de todo o mundo.

(Por isso perguntamos: se isto não é um tesouro, o que será um tesouro?)

Queres saber que lugares são estes?

É isso que te convidamos a descobrir nas próximas páginas.



No mundo, são mais de mil os lugares classificados como Património Mundial da Humanidade. Só na região centro são 4, mas há mais 13 sítios escolhidos como Património Mundial da Humanidade no nosso país. Descobre-os!

## Quem escolhe os lugares "Património Mundial da Humanidade"?

Todos os países podem apresentar candidaturas, indicando os lugares que lhes parecem ter valor para esta distinção. Depois, uma comissão da UNESCO, formada pelos maiores cientistas mundiais, avalia estas candidaturas, visita os lugares e decide quais devem entrar na lista, tendo em conta o seu Valor Universal Excepcional. Este valor pode ser histórico, arquitetónico, arqueológico, natural ou ambiental.

## Quais os elementos que podem ser considerados "Património Mundial da Humanidade"?

Elementos naturais como um vale, uma rocha, um ecossistema, uma gruta; elementos culturais como uma região, um monumento, uma construção, um conjunto arquitetónico; ou até uma vila ou cidade inteiras... E também tradições ou rituais praticados por uma comunidade (ex. danças ou cantos).

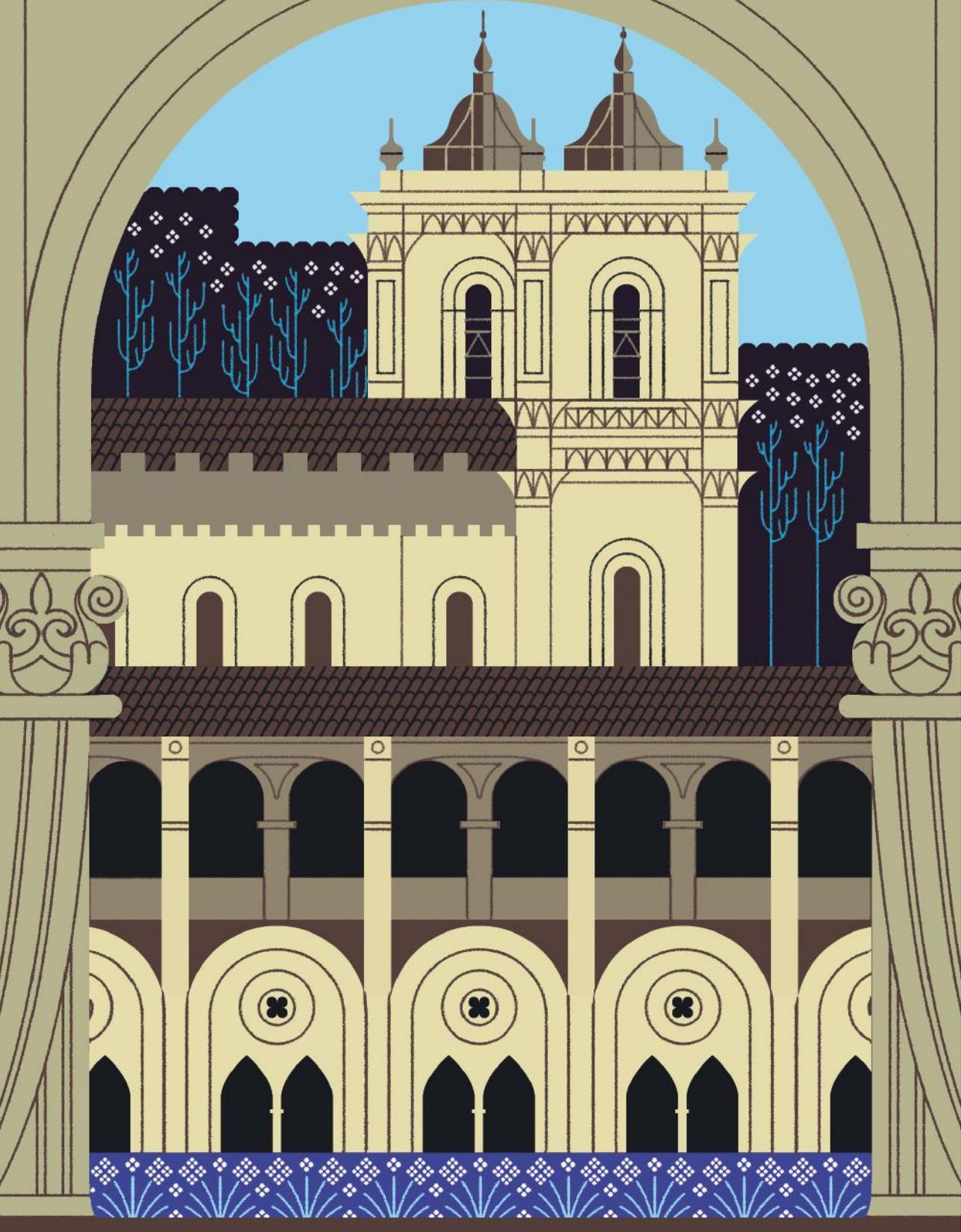
Uma ideia importante: aquilo que pode ser considerado "Património Mundial da Humanidade" também vai mudando à medida que o tempo passa. Por exemplo, os habitats muito ricos em biodiversidade nem sempre foram considerados tão importantes como hoje. Mas, uma vez que há tantas espécies em vias de extinção, estes lugares tornaram-se também tesouros a preservar.

### O QUE É A UNESCO?

A UNESCO é uma organização da ONU (Organização das Nações Unidas) que trabalha para promover a cultura, a educação, as ciências e a informação.

Partilhando o conhecimento entre os povos do mundo, a UNESCO acredita poder contribuir para a paz e a segurança de todos.

A ideia é a seguinte: se nos conhecermos cada vez melhor e soubermos partilhar aquilo que vamos aprendendo, talvez seja mais fácil assegurar a paz. Concordas?



# MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

## Tudo começou assim...

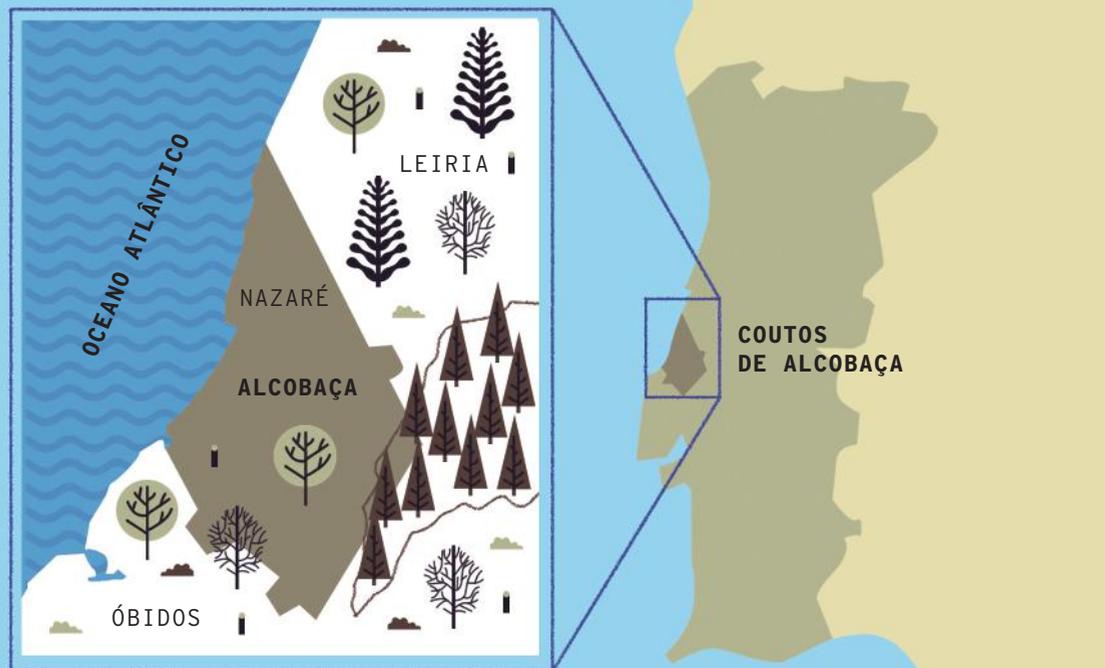
### **Uma comunidade de monges a cuidar de um lugar**

Esta história começa ainda durante a fundação de Portugal...

Com o avanço cada vez mais para sul dos seus exércitos, D. Afonso Henriques não podia deixar ao abandono todo o território que já conseguira conquistar aos mouros. Teve então uma ideia: decidiu doar uma parcela do centro do país a uma ordem religiosa de origem francesa chamada Cister. Esta comunidade de monges, que já tinha experiência no povoamento de outras zonas, teria como missão ordenar o território e gerir os recursos deste lugar. Para o fazer, foi construído em Alcobaca um grande mosteiro, que viria a tornar-se um dos mais importantes de toda a Ordem.

Primeiro, os monges cistercienses construíram aqui uma igreja — a primeira e a maior igreja de estilo gótico do nosso país; construíram também espaços para viverem e trabalharem, como um refeitório, um dormitório e outras salas de que falaremos mais adiante. Depois, aos poucos e ao longo de vários séculos, foram aumentando o povoamento e expandindo o mosteiro. Permaneceram aqui durante quase 700 anos e, hoje, ninguém tem dúvidas da sua importância para o desenvolvimento desta região.





### CONSEGUES IMAGINAR... um terreno de 44.000 hectares?

Os monges cistercienses receberam do rei um terreno equivalente (aproximadamente) a 44.000 campos de futebol!

Os Coutos de Alcobaça ocupavam todo o território desde a Serra dos Candeeiros até à costa atlântica.

### Porquê aqui?

Quando D. Afonso Henriques decidiu fazer esta doação, a Ordem de Cister enviou a Portugal três monges encarregues de verificar se as terras reuniam as condições certas. É importante que se diga como os monges cistercienses eram muito cuidadosos na seleção dos locais onde se instalavam. Um lugar só era escolhido se fosse isolado e nele se encontrassem: rios, ribeiros e nascentes de água potável; uma grande área florestal; pedra em abundância; e terras

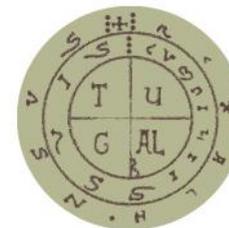
férteis. Tudo isto era necessário, pois os mosteiros deviam ser autossuficientes, isto é, capazes de produzir os seus próprios alimentos e todos os bens de que precisavam.

O Couto de Alcobaça reunia as condições certas: tinha nascentes por perto; era percorrido por dois rios (Alcoa e Baça); tinha solos bons para a agricultura; florestas; grandes quantidades de pedra calcária (disponível na Serra dos Candeeiros); e tinha, até, o mar, aqui bem próximo.

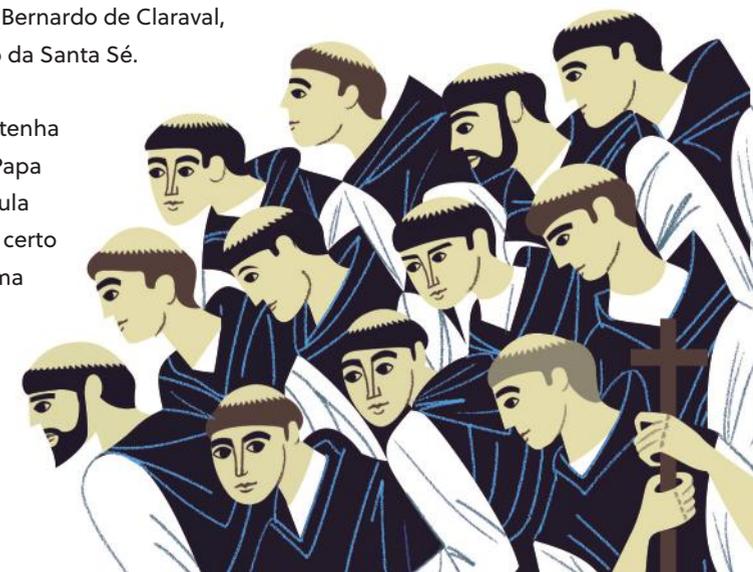
Depois da visita, os três monges escreveram um relatório contando o que tinham encontrado. Perante os factos, a Ordem enviou para a região um pequeno grupo de doze monges e um abade (que era quem governava a abadia, isto é, a comunidade de monges) para iniciar o processo de construção.

### ALCOBAÇA E A FUNDAÇÃO DE PORTUGAL

Em 1153, quando foi feita a doação de Alcobaça, D. Afonso Henriques ainda aguardava a chegada do documento do Papa que veio a declarar a independência de Portugal. Alguns historiadores pensam que, ao fazer uma doação valiosa à Ordem de Cister, o nosso primeiro rei arranhou forma de acelerar este processo, pois a mais importante figura desta ordem, o abade Bernardo de Claraval, tinha grande influência junto da Santa Sé.



Não é certo que a estratégia tenha resultado, pois só em 1179 o Papa de então emitiria a famosa bula *Manifestus Probatum*. Certo, certo é que haverá para sempre uma ligação forte entre Alcobaça e a fundação de Portugal.



## DOIS PRIMOS NA NOSSA HISTÓRIA

Lembras-te do pai de Afonso Henriques? Em Portugal ficou conhecido por Conde D. Henrique, mas o seu título verdadeiro era “Henrique de Borgonha, Conde de Portucale”. Este conde pertencia a uma família da alta nobreza do Ducado de Borgonha (hoje uma região de França), exatamente a mesma família de onde descendia a figura mais importante da Ordem de Cister da época, o abade Bernardo de Claraval. Alguns historiadores pensam que o facto de Bernardo de Claraval e D. Afonso Henriques serem primos terá contribuído para o modo como os monges cistercienses participaram no ordenamento do território do nosso país.

### Quem eram os monges cistercienses?

Os monges cistercienses viviam sem quaisquer luxos, pois acreditavam ser este o caminho certo para estarem mais próximos de Deus.

Os seus ideais — solidão, simplicidade, austeridade, oração e trabalho — refletiam-se em todos os aspetos da sua vida: na forma como se vestiam e alimentavam, como organizavam o seu tempo e, claro, como planeavam e construíaam os seus espaços, como aconteceu aqui em Alcobaça.

### Os espaços de Alcobaça: luz, harmonia, sustentabilidade

A arquitetura cisterciense era simples e funcional, evitando tudo o que pudesse distrair da procura de Deus. Os monges gostavam de espaços iluminados, mas pouco decorados (daí os vitrais deste mosteiro não terem cores); e, tal como já explicámos, estudavam ao detalhe as características de um lugar, aproveitando o melhor possível os recursos naturais.

Se pensares, são estes os princípios daquela que se chama hoje “construção sustentável”. Por exemplo, o mosteiro tem um isolamento natural muito eficaz, com paredes de pedra tão espessas que mantêm as temperaturas mais estáveis (no Inverno, para a temperatura não descer muito, existia o Calefatório, uma sala onde o lume estava sempre aceso).

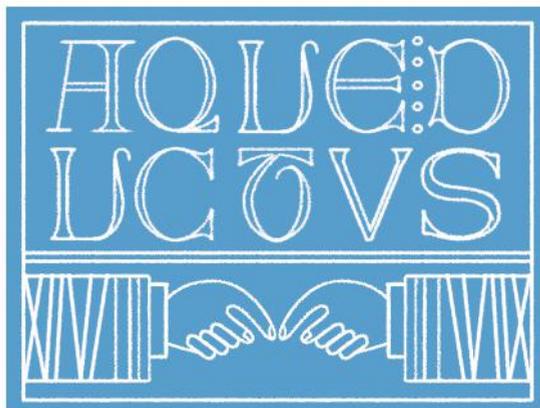
Outro exemplo importante: a gestão da água. Os monges cistercienses eram considerados os maiores engenheiros hidráulicos do seu tempo e, em Alcobaça, fizeram obras que lhes permitiram ter água limpa e abundante, durante todo o ano. Construíram aquedutos para trazer água potável das nascentes e também uma conduta que, desviando um braço do rio Alcoa, conduzia a água à cozinha do mosteiro para a preparação de alimentos, lavagens, etc. Uma curiosidade: esta levada tinha um sistema engenhoso que, nas alturas de maior caudal, permitia desviar a água e evitar inundações.



.....  
→ **OBSERVA**

- Na Cozinha: a grande chaminé e o tanque com água corrente.
  - No Refeitório: o púlpito do leitor, onde um monge fazia as leituras sagradas durante as refeições.
- .....





→ **OBSERVA**

Quando visitares a igreja, procura este sinal numa das paredes laterais.

Com este aviso, os monges indicavam às gerações seguintes o sítio exato onde passava a conduta de água potável (no caso de ser necessária alguma reparação, seria bem mais fácil!). Por aqui se vê também como construíram este edifício a pensar no futuro.

**ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE A VIDA NO MOSTEIRO**

- Os monges não tinham contacto com o exterior. A relação com as pessoas de fora era feita através dos Irmãos Conversos, homens religiosos que trabalhavam dentro e fora do mosteiro.
- Vestiam hábitos brancos e, por isso, são também conhecidos por "monges brancos". Já deves ter reparado na grande preferência pela cor branca, associada à pureza, à luz e ao conhecimento.
- Os monges dormiam vestidos, cada um em seu leito. Durante a noite, acordavam de três em três horas, desciam a escada do dormitório para a igreja, rezavam os ofícios e regressavam para mais um período de descanso.
- *Ora et labora* era o seu grande lema. Estas palavras latinas significam "Reza e trabalha". Os monges intercalavam períodos de oração com tarefas na cozinha, na horta, nas oficinas e no *Scriptorium*, onde produziam livros de grande beleza.



**CONSEGUES IMAGINAR...  
um grupo de monges a ilustrar livros?**

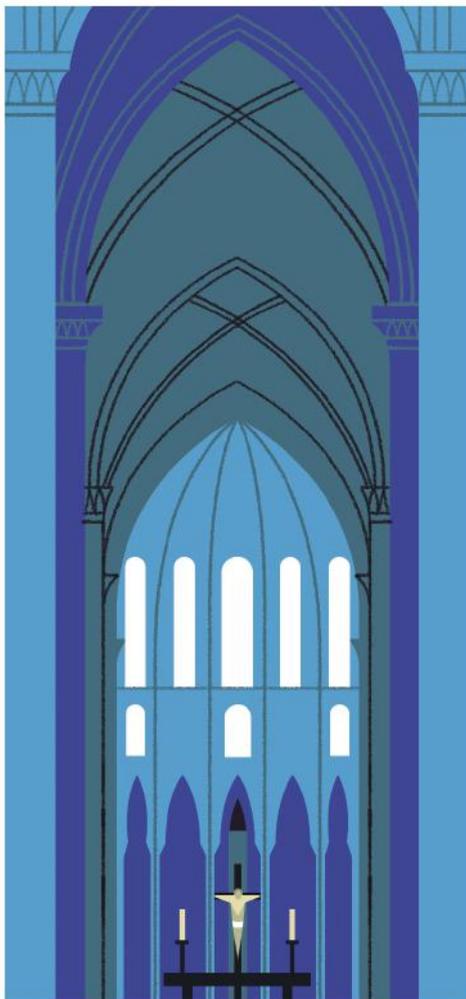
Na época medieval, antes da invenção da imprensa, a produção de livros estava a cargo dos monges copistas que viviam nos mosteiros. Para além de copiarem os textos dos códices (os livros da época) e de criarem as ornamentações que os acompanhavam (chamadas "iluminuras"), os monges eram responsáveis pelas encadernações e pela preparação das tintas e outros materiais. Em Alcobaça, funcionou uma das mais importantes oficinas de produção de livros da época medieval — o *Scriptorium* de Alcobaça, onde foram produzidos centenas de códices iluminados, dos quais restam quase 500, hoje guardados na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa.



## Com o tempo...

### Um mosteiro em crescimento

À medida que a comunidade crescia, o mosteiro foi crescendo também, refletindo as tendências da arquitetura dos vários períodos da nossa História. Eis algumas das etapas mais importantes:



#### 1. A construção da igreja

A construção iniciou-se em 1178, mas demorou várias décadas a ficar concluída. Um dos motivos foi a sua grande dimensão.

.....  
→ **OBSERVA**

- O comprimento da igreja: 104 metros!
  - A grande rosácea por onde entra a luz (lembra-te: para estes monges, a luz é um símbolo do divino).
  - As três naves\* à mesma altura (22 metros), um feito naquela época.
  - A porta que ligava o Dormitório à igreja (à esquerda do altar). Quando os monges aqui viviam, existia aí uma escada em pedra que permitia uma ligação direta entre estes espaços.
- .....

### O GÓTICO: MAIS LEVEZA, MAIS ELEGÂNCIA, MAIS LUZ

Até ao século XI, as igrejas eram escuras e maciças como fortalezas (obedecendo a um estilo chamado Românico). A partir de então, surgiram novas soluções que vieram revolucionar os edifícios, dando origem a um estilo novo — o Gótico. Estas soluções permitiram a construção de edifícios mais altos, com grandes janelas por onde entra a luz.

#### 2. A abertura do Claustro de D. Dinis (sécs. XIV a XVI)

Este claustro, mandado erguer por D. Dinis, passa a ser o centro do mosteiro onde quase tudo acontece: na ala mais espiritual, encontramos a Igreja, a Sacristia, a Sala do Capítulo (onde o monge leitor fazia a leitura dos Capítulos da Regra de S. Bento), o Parlatório (o único lugar onde os monges interrompiam o voto de silêncio) e a Sala dos Monges. Depois, noutra ala, o Calefatório, a Cozinha e o Refeitório. No primeiro piso, ficava o Dormitório.



\* Aos espaços entre as colunas ou arcadas de uma igreja chama-se "naves".

→ **OBSERVA**

- O Lavabo, mesmo em frente ao Refeitório, onde os monges faziam as suas lavagens.
- As marcas dos canteiros, que são uma espécie de logótipo para identificar cada um dos construtores que trabalhavam a pedra.



**3. Os túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro (século XIV)**

Já deves ter ouvido falar da história (trágica e romântica) de D. Pedro e de D. Inês de Castro. A pedido do rei, estes túmulos foram depositados na abadia de Alcobaça e são considerados dos monumentos funerários mais importantes do período gótico em toda a Europa.

**4. Entre os séculos XV e XVII: muitas novidades**

Durante esta época, porque Portugal vivia um período de grande riqueza fruto dos Descobrimentos, o mosteiro cresceu muitíssimo. D. Manuel I apoiou novas construções, como o primeiro piso do Claustro ou a Sacristia Nova. Já no século XVII, construiu-se um novo claustro onde ficavam as Oficinas, os Arquivos e a Biblioteca.

**CONSEGUES IMAGINAR... um “Espelho do Céu”?**

Ainda na segunda metade do século XVII, um novo estilo artístico chega ao mosteiro: o Barroco. Em Alcobaça, este estilo pode ser observado, por exemplo, na impressionante Capela Relicário, também chamada “Espelho do Céu”. Trata-se de uma pequena capela de planta octogonal (com oito lados, portanto), toda revestida a talha dourada. Na cúpula, uma pequena abertura deixa entrar a luz, que ilumina, como num teatro, 89 esculturas de santos. Se puderes, visita este espaço inesquecível!

**5. A extinção das ordens religiosas**

Em 1834, o rei D. Pedro IV ordena o fim das ordens religiosas em Portugal. Em Alcobaça, o mosteiro perde a sua função inicial e, ao longo de quase cem anos, os seus espaços passam a ser usados para outras funções (Paços do Concelho, Biblioteca, Teatro, Tribunal, etc). Só a partir de 1928, o Estado começa a recuperar este monumento — uma tarefa que, como deves imaginar, nunca está concluída.

**Um tesouro chega até nós...**

**Património Mundial da UNESCO porquê?**

O Mosteiro de Alcobaça é considerado uma obra-prima e um dos grandes exemplos da arte gótica cisterciense (se leste este capítulo, já sabes o que isto significa!). Os especialistas dão várias razões:

- O tamanho, a beleza e o rigor da construção
- A luz, a pureza e a simplicidade da sua arquitetura
- A beleza dos túmulos de D. Pedro e D. Inês
- A inteligência do sistema de condução da água criado pelos monges
- O facto de o mosteiro preservar os vários edifícios que existiam no tempo dos monges (a Igreja, o Claustro, o Dormitório, o Refeitório, a Sala do Capítulo, entre outros)





# MOSTEIRO DA BATALHA

## Tudo começou assim...

### Uma promessa, um mosteiro

Como é que um mosteiro, lugar de paz e de silêncio, se chama Mosteiro da Batalha? Porque se não tivesse existido uma batalha não teria sido construído este mosteiro. Referimo-nos à famosa Batalha de Aljubarrota que, em finais do século XIV, opôs portugueses a castelhanos.

D. João de Castela pretendia governar Portugal com a ajuda de alguns portugueses que não aceitavam D. João I como seu rei. Ora, como esta batalha parecia difícil de vencer, devido ao número muito inferior de soldados portugueses, o rei português prometeu a Nossa Senhora construir um mosteiro em sua honra, caso a vitória fosse sua. Alcançado o triunfo — e com ele, a independência de Portugal — o rei cumpriu o prometido e mandou erguer o Mosteiro de Santa Maria da Vitória.

Com o passar do tempo, o mosteiro passou a ser chamado Mosteiro da Batalha.

→ **OBSERVA**

Observa, cá fora, ao lado do mosteiro, a estátua do D. Nuno Álvares Pereira. Sabes qual o seu papel na vitória desta batalha?

Nuno Álvares Pereira foi um grande general que desenhou no campo de batalha, com a ajuda dos ingleses, a chamada “tática do quadrado” (na qual o exército português cercou o exército castelhano por três lados). Com esta tática venceram os castelhanos que, ainda por cima, eram muito superiores em armas e número (estima-se que seriam 17500 castelhanos, muitos deles a cavalo, contra 8000 portugueses quase todos a pé!).

**Uma obra que fosse exemplar**

Na Europa, era habitual os monarcas rivalizarem para mostrar grandeza e influência. Também com esse objetivo, D. João I quis que o Mosteiro da Batalha fosse um edifício grandioso que representasse o melhor que se fazia na época. Quis que a obra simbolizasse a vontade de Deus, mas também o seu poder enquanto monarca, uma vez que tinha sido complicado ter sido aceite como rei, por ser um filho ilegítimo de D. Pedro I.

O primeiro projeto incluiu a construção da Igreja, da Sacristia, do Claustro Real e da Casa do Capítulo, todos executados em estilo gótico (já o descrevemos na pág. 19), tornando-se na maior obra-prima deste estilo em Portugal e uma das mais importantes na Europa.

→ **OBSERVA**

- A grande dimensão do mosteiro (cá de fora, damos logo por isso!).
- O majestoso portal, com mais de 90 imagens esculpidas de pedra.
- As pedras, minuciosamente esculpidas.
- A quantidade de pináculos (estruturas em forma de pirâmide) na parte de cima do mosteiro.

**O lugar da batalha é o lugar do mosteiro?**

Não exatamente. Como, no local da batalha, a água e a madeira não eram abundantes, D. João I comprou a Quinta do Pinhal, a cerca de 3 km, para aí erguer o mosteiro. Para além de o local ser atravessado por vários cursos de água e de ter muitas árvores, situava-se num vale, cujo declive permitia fazer chegar a água ao edifício. Esta quinta tinha outra vantagem: estava próxima de vias de comunicação que facilitavam o transporte da pedra e permitiam a ligação a Lisboa, Leiria ou Santarém.

**Quem se instalou no mosteiro?**

D. João I doou o mosteiro à Ordem de S. Domingos, que o ocupou durante quase 450 anos. Os frades desta ordem, os Dominicanos, faziam parte das chamadas ordens mendicantes, que apenas viviam das dádivas e das esmolas das pessoas.

Os Dominicanos dedicavam-se a ajudar as pessoas mais carenciadas da comunidade, a divulgar os ensinamentos de Cristo, ou seja, a “pregar” e, por esta razão, também eram conhecidos como frades pregadores.



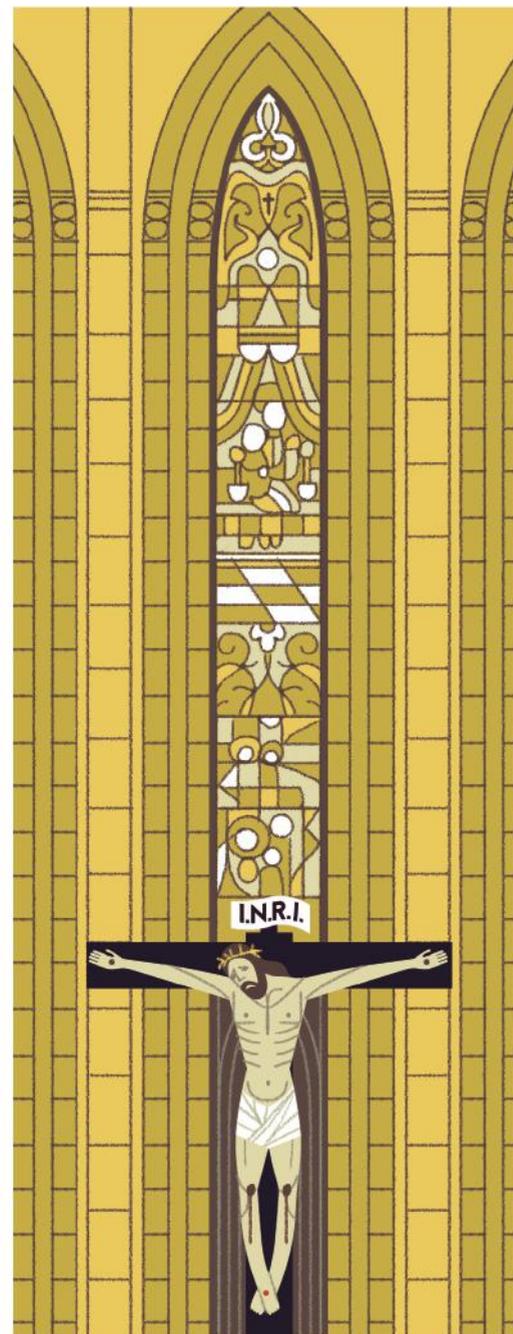
Na altura, este era um sítio pouco povoado, mas a construção do mosteiro e o envolvimento dos Dominicanos na comunidade fez nascer a vila da Batalha. Uma vez que o mosteiro iria demorar a estar concluído, ergueu-se a Igreja de Santa Maria-a-Velha para os trabalhadores e a população local poderem celebrar missa. Construíram-se também alguns anexos para instalar provisoriamente os frades dominicanos.

→ **OBSERVA**

Observa no chão do recinto exterior as marcas da planta desta primeira igreja (Santa Maria-a-Velha) que, apesar de ter sobrevivido vários séculos, acabou, o que dela restava, por ser demolida no século XX.

**CONSEGUES IMAGINAR...  
o mais avançado estaleiro de Portugal?**

Naquela altura, o Mosteiro da Batalha foi a maior e mais arrojada construção em Portugal. Demorou cerca de 180 anos a ficar concluída e teve, ao comando da obra, mais de 10 mestres construtores, dos quais destacamos D. Afonso Domingues por ter desenhado o grande projeto inicial! Para aqui vieram trabalhar os melhores artistas e artífices, alguns deles estrangeiros, tornando o estaleiro uma verdadeira escola e um grande centro de criatividade.



**A igreja: quanto mais alta, mais majestosa**

A igreja do mosteiro é grandiosa (por dentro e por fora), seguindo as regras da construção gótica.

→ **OBSERVA**

- A dimensão: 80 m de comprimento, 22 m de largura e 32 m de altura. Repara: o facto de ser tão comprida e estreita fá-la parecer mais alta, não concordas?.
- A capela-mor (capela principal) ao fundo: se reparares, tem dois andares, atingindo a altura da nave central (então, uma novidade em Portugal).
- Os vitrais coloridos que lançam uma luz mágica no chão e nas paredes.



## NÃO SÃO APENAS JANELAS, SÃO VITRAIS!

Uma das marcas do estilo gótico são as janelas altas com vitrais de muitas cores. Feitos com pedaços de vidro colorido (ou pintado), os vitrais deste período são quadros luminosos que mostram imagens da vida bíblica e dos santos. Como a maior parte das pessoas era analfabeta, estas imagens ajudava-as a conhecer e a interpretar melhor as cenas bíblicas.

Tanto quanto é possível saber, foi no Mosteiro da Batalha que se iniciou a arte de fazer vitrais em Portugal. Os que vemos hoje tiveram de ser restaurados e contêm apenas alguns fragmentos dos originais dos séculos XV e XVI, mas continuam espetaculares!

### A Sala do Capítulo

A Sala do Capítulo era onde os frades se reuniam para fazer as leituras da vida dos santos e tratar assuntos do quotidiano da comunidade. O que mais impressiona nesta sala é a magnífica abóbada estrelada com oito pontas que o mestre Huguet arriscou projetar sem qualquer pilar central que a sustente! Uma conquista da arquitetura na época.

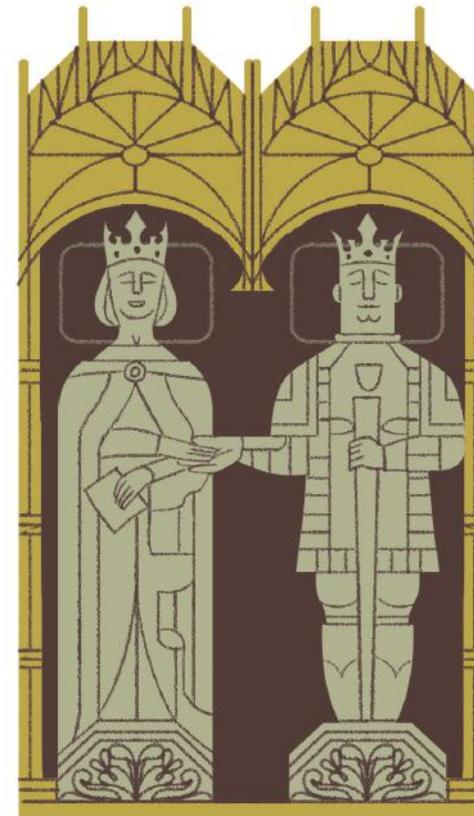
No século XX, esta magnífica sala foi escolhida para receber o Monumento ao Soldado Desconhecido, homenageando os militares portugueses que morreram na 1ª Grande Guerra. Este monumento tem um lampadário de ferro sempre aceso e é guardado por dois soldados.



### A Capela do Fundador, o primeiro mausoléu

Na Península Ibérica, não era hábito os mosteiros disporem de salas próprias para receber os túmulos dos reis. D. João I foi o primeiro a mandar construir um mausoléu para si e para a sua família. Este mausoléu ou panteão é a Capela do Fundador, assim chamada por ter sido este rei o fundador do mosteiro e também de uma nova dinastia.

Quando o visitares, repara que o rei e a rainha, D. Filipa de Lencastre, estão juntos na mesma arca tumular, dando a sua mão direita, num gesto que demonstra o respeito que tinham um pelo outro. Terá sido a rainha que o quis, inspirada por uma tradição que existia no seu país (Inglaterra) e que foi então iniciada em Portugal.



.....  
→ **OBSERVA**

- O túmulo conjugal, por isso, o primeiro e o maior em Portugal.
  - Os vitrais magníficos.
  - A decoração rendilhada da pedra na sala.
  - Na parede ao fundo, os túmulos dos filhos: D. Pedro; D. Henrique, o Navegador; D. João e D. Fernando. Só um tem uma estátua, sabes qual?
- .....



## Com o tempo...

### O mosteiro recebe uma escola

Os Dominicanos eram frades muito estudiosos, pois tinham de ter um conhecimento profundo da Bíblia para pregar a palavra de Deus.

Muitos frades da comunidade da Batalha alcançaram graus académicos, o que os levou a fundar uma universidade de teologia no convento (a teologia estuda a religião). Esta universidade tornou-se tão prestigiada que vinham estudantes de fora para aqui se prepararem para exames de admissão às universidades de Salamanca e Coimbra (que vais conhecer mais à frente).

### CONSEGUIES IMAGINAR... a vida animada à volta do mosteiro?

Nesta época, a vila era mais concentrada e próxima do mosteiro.

Havia um grande movimento:

as pessoas iam e vinham para buscar medicamentos produzidos pelos frades na botica (nome antigo para farmácia) ou para tratar de negócios.

Outras vinham para a escola do mosteiro. As pessoas que trabalhavam no mosteiro, chamadas serviçais de fora, e os visitantes, entravam por uma porta de acesso, a portaria.

Imagina a azáfama!



### As Capelas Imperfeitas

As Capelas Imperfeitas, assim chamadas porque ficaram inacabadas, são o segundo mausoléu régio deste mosteiro. Foram mandadas erguer por D. Duarte I, filho de D. João I, que, tal como o pai, também quis ter aqui um lugar para o seu túmulo e para os dos seus descendentes. No entanto, o rei morreu antes da obra terminada, assim como Huguet, o arquiteto responsável por ela, e, uma vez que as plantas e os desenhos desapareceram, ficámos sem saber como deveria o trabalho ser concluído. D. Manuel I e, depois, D. João III ainda chegaram a continuar a obra, mas nenhum a finalizou.

No século XX, mesmo estando as capelas inacabadas e mesmo não existindo teto, o Estado colocou aqui o túmulo conjugal de D. Duarte e D. Leonor (que até aí estava na Capela-mor da igreja) cumprindo-se, finalmente, a vontade do rei.

### → OBSERVA

Embora não estejam terminadas, de imperfeitas as capelas pouco têm...



### O QUE É O ESTILO MANUELINO?

Na obra das Capelas Imperfeitas, e em muitas partes do Claustro Real, nasce, pela mão do arquiteto Mateus Fernandes, um novo estilo artístico: o Manuelino. Assim chamado por ter sido desenvolvido no reinado de D. Manuel I, este estilo é uma continuação do estilo gótico, com algumas novidades, entre elas a grande variedade de elementos decorativos que passam a ser usados. Cada um deles simboliza algo importante para o rei. Por exemplo, as folhas, os animais, as algas e os cabos representam a natureza, as descobertas marítimas e o encontro com outras culturas; a esfera armilar simboliza o poder de Portugal e a fé cristã. (Mas há figuras e formas cujo significado permanece misterioso...)

### O restauro do mosteiro

Um dia, em 1836, o rei D. Fernando II (marido da rainha D. Maria II) visitou o mosteiro e indignou-se com o estado de destruição em que este se encontrava. Tomou então medidas para que se investisse na sua recuperação, tornando-se esta a primeira grande obra de restauro de monumentos em Portugal.

Não nos podemos esquecer que alguns acontecimentos causaram grande destruição



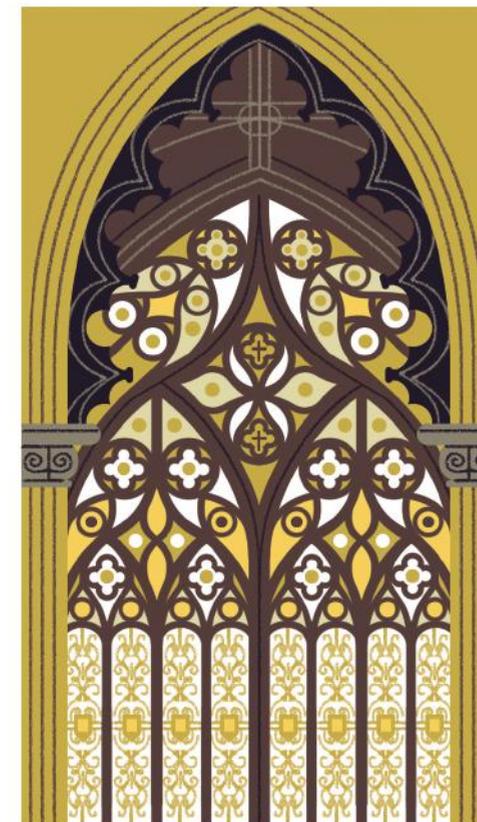
no mosteiro: um deles foi o terramoto de 1755; outro foram as invasões das tropas de Napoleão, sobretudo a 3ª, em 1810; e, pouco tempo depois, a extinção das ordens religiosas que deixou o mosteiro ao abandono.

### Um tesouro chega até nós...

#### Património Mundial da UNESCO porquê?

Os especialistas dão várias razões:

- É uma obra-prima da arquitetura do estilo gótico e inaugura o estilo Manuelino
- Durante o longo tempo da sua construção foi um grande centro de criatividade, onde várias áreas artísticas se desenvolveram (como a arte de fazer vitrais)
- Aqui se conserva o maior e mais antigo conjunto de vitrais portugueses
- Os edifícios de estilo gótico (como a Capela do Fundador e a Igreja) foram preservados de acordo com as características originais





# UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ALTA E SOFIA

## Tudo começou assim...

### **Será que de um lugar alto se sonha mais alto?**

No local onde hoje é Coimbra existia, na época romana, uma cidade chamada *Aeminium*. Bem perto, a cerca de 20 km, ficava uma outra e, de maior importância, de seu nome *Conimbriga* (soa-te familiar?).

*Conimbriga* situava-se numa zona relativamente plana e aberta, entre duas ravinas, onde corria um pequeno rio; *Aeminium* estendia-se pelo cume e pelas encostas de uma colina, à beira de um rio mais importante, o Mondego.

Quando se deu a invasão dos povos do norte (os Suevos), os habitantes de *Conimbriga* começaram a mudar-se para a cidade vizinha, mais segura. Na sequência da perda de importância de *Conimbriga* e do clima de insegurança que se vivia, o bispo desta cidade veio residir para *Aeminium*.

Foi assim que *Aeminium* se tornou mais importante, vindo a tomar o nome de Coimbra, em memória da cidade que, de algum modo, substituiu.

E foi assim que esta história começou...

### CONSEGUES IMAGINAR... um rio-muralha?

Os romanos chamavam ao rio Mondego, Munda, que significa “puro” ou “limpo”. Quando estiveres no Paço Real (ou Paço das Escolas), observa-o, lá ao fundo. Para além de águas cristalinas, o Mondego tinha águas bem mais profundas do que hoje, que permitiam a navegação de barcos vindos do mar... consegues imaginar? Uma outra vantagem: como não era facilmente transposto a pé ou a cavalo, o rio era então uma importante linha de defesa, uma verdadeira muralha natural!



Nos lugares altos e de grande visibilidade era comum os povos antigos erguerem lugares fortificados. Foi também o que aconteceu aqui em Coimbra, no século X, quando a cidade estava sob ocupação muçulmana. No ponto mais alto, foi construído um palácio fortificado que, no tempo dos nossos primeiros reis, viria a dar origem ao Paço Real da Coroa Portuguesa (a casa dos reis) e, mais tarde, no século XVI, ao Paço das Escolas da Universidade de Coimbra.

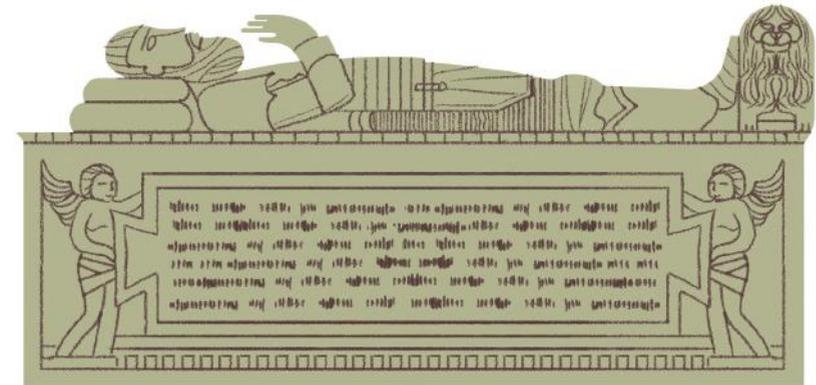
A Universidade de Coimbra não só é a primeira universidade portuguesa, como faz parte do pequeno grupo de quinze universidades ativas na Europa no final do século XIII. Hoje, é uma das cinco universidades classificadas como Património Mundial da UNESCO. O seu conjunto é composto por 32 edifícios (sim, 32!), espalhados por 36 hectares, divididos em dois núcleos — a zona da Alta da cidade e a Rua da Sofia. Ou seja, estamos perante um monumento que é quase uma cidade inteira!

### Um mosteiro, semente de conhecimento

Ainda no tempo do Condado Portucalense, Coimbra desempenhou funções como primeira cidade capital do Reino de Portugal (que estava em crescimento). No lugar da fortaleza muçulmana, a alcáçova, D. Afonso Henriques mandou então instalar o palácio real (ou Paço), onde vieram a nascer os seus filhos e, aliás, quase todos os reis da primeira dinastia.

Tal como fez noutros lugares (como em Alcobaça), também em Coimbra D. Afonso Henriques apoiou a construção de um grande mosteiro — o Mosteiro de Santa Cruz. Este mosteiro tinha uma escola e uma biblioteca riquíssimas que o tornaram um dos mais importantes centros culturais da época medieval e uma espécie de semente para a futura Universidade.

No entanto, não foi D. Afonso Henriques (nem o seu filho, nem o seu neto ou bisneto...) quem se encarregou de tal projeto. Tal só viria a acontecer pela mão do sexto rei de Portugal, D. Dinis.



#### → **OBSERVA**

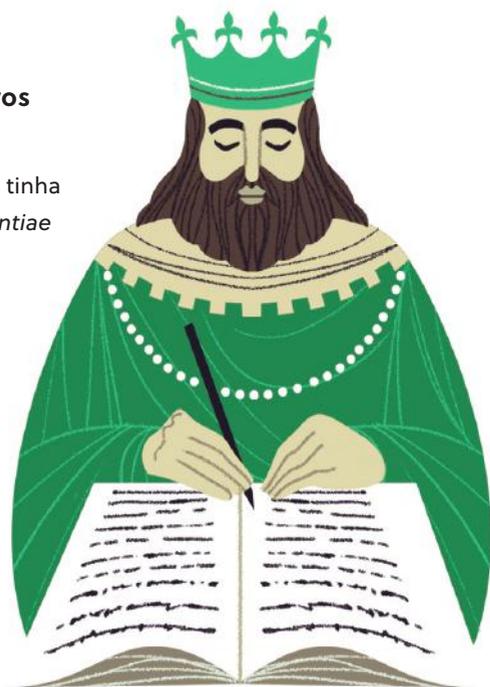
No mosteiro de Santa Cruz estão sepultados os dois primeiros reis de Portugal, D. Afonso Henriques e o seu filho, D. Sancho I. Não deixes de apreciar os seus túmulos, com elementos de decoração do estilo manuelino e estátuas esculpidas pelo mestre francês Nicolau Chanterene, em 1518 (para saberes mais sobre este estilo consulta a página 32).

## Portugal precisa de uma Universidade!

Em 1288, um grupo formado pelo rei D. Dinis, os abades de Santa Cruz e de Alcobaça e outras figuras religiosas escreveu uma espécie de abaixo-assinado ao Papa, implorando-lhe que autorizasse a criação de uma universidade em Portugal. Na Europa, já existiam algumas universidades, mas, preocupados até há bem pouco com o povoamento do país, os nossos reis não tinham conseguido ainda realizar tal projeto em Portugal. Como consequência, quem quisesse estudar, era obrigado a sair do país e a fazer longas viagens, atravessando montanhas e mares e pernoitando em mosteiros e casas particulares. Felizmente, a autorização do Papa chegou e, no dia 1 de março de 1290, o rei D. Dinis assinou o documento que criava os Estudos Gerais, que viriam a dar origem à Universidade de Coimbra.

### CONSEGUES IMAGINAR... um rei que sonha com tesouros fora do vulgar?

O documento assinado por D. Dinis tinha um nome incrível: chamava-se *Scientiae thesaurus mirabilis*, que significa qualquer coisa como "O Tesouro Maravilhoso da Ciência". Por aqui se vê como o nosso rei era não só um poeta, como sonhava com grandes tesouros, não necessariamente de pedras preciosas: D. Dinis sonhava com um país com mais conhecimento e educação. Um belo sonho, não achas?



## Com o tempo...

### Lisboa, Coimbra, Lisboa, Coimbra, Lisboa... Coimbra!

Nos primeiros anos, as instalações dos Estudos Gerais alternaram entre Lisboa e Coimbra devido aos conflitos entre a população e os estudantes. Só em 1537, já no reinado de D. João III, se instalaram definitivamente em Coimbra, passando a chamar-se "Universidade".

Entusiasmado com o projeto, o rei mandou abrir uma rua onde se instalariam colégios de ordens religiosas para receber os estudantes (a Rua da Sofia). Mais tarde, durante o reinado de D. Filipe I, também o Paço Real sofreu obras para receber esta nova instituição. Este Paço, onde nasceram tantos reis, passou assim a Paço das Escolas, transformando-se no coração da Universidade. Um coração que palpita até hoje!



## Visita o Paço Real (ou Paço das Escolas)

Há muito para descobrir:

### → OBSERVA

#### Porta Férrea

Porta dupla por onde se entra no Paço Real. Procura os dois reis que mais marcaram a história da Universidade (D. Dinis e D. João III).

#### Torre

Onde está o relógio principal da Universidade; tem quatro sinos, sendo o mais famoso “a Cabra”, que toca no início e no final do dia, lembrando o princípio e o fim das aulas. Se puderes, sobe os 184 degraus para apreciares a vista de 360° sobre a cidade.

#### Capela de S. Miguel

Aprecia o seu órgão de mais de 2000 tubos (que ainda funciona!).

#### Sala dos Capelos, também chamada Antiga Sala dos Reis ou Sala dos Grandes Atos

Aqui tiveram os primeiros reis as grandes cerimónias da corte e aqui D. João I foi aclamado rei. É também aqui que continuam a decorrer as Provas Públicas de Doutoramento e os atos solenes da Universidade.

#### Escadas de Minerva

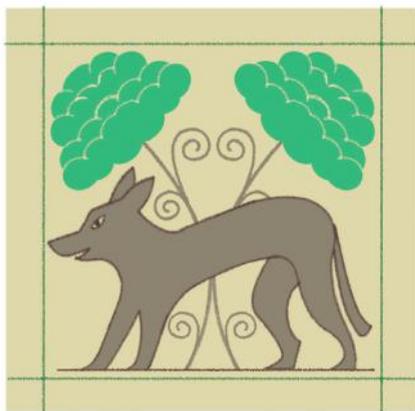
Diz a tradição que os estudantes devem descer sempre pelo mesmo lado para os estudos lhes correrem bem!

#### Prisão académica

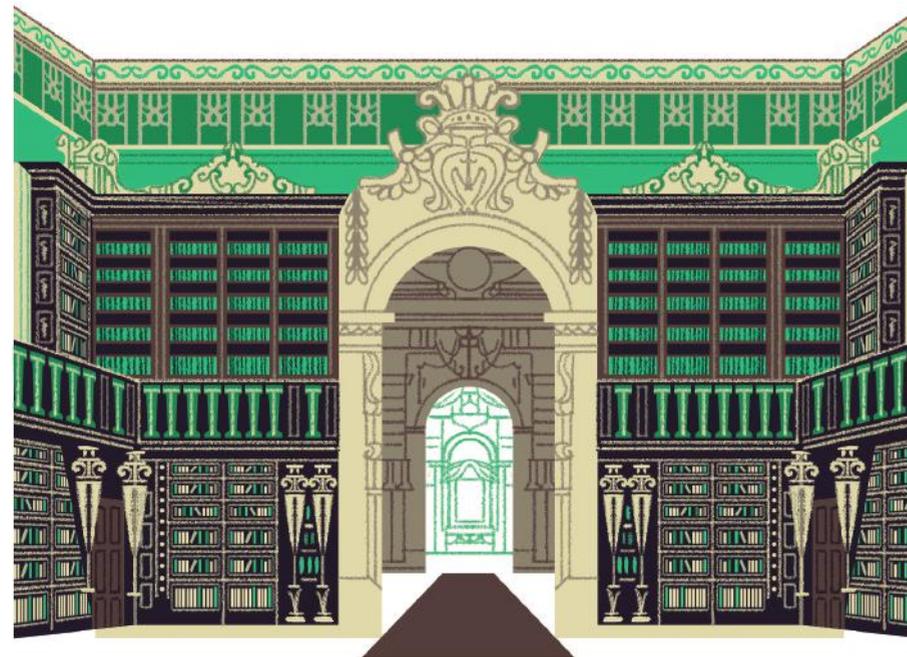
Por terem um estatuto especial, os membros da academia tinham direito a julgamentos próprios e a uma cadeia só para si.

#### Biblioteca Joanina

Considerada uma das mais bonitas do mundo (lê mais na próxima página).



Na entrada dos claustros da Faculdade de Direito, procura o “azulejo da raposa” que, por tradição, é tocado pelos estudantes para afastar os chumbos nos exames.



#### Biblioteca Joanina

No início chamava-se Casa da Livraria, mas ficou conhecida por Biblioteca Joanina, pois foi construída durante o reinado de D. João V, um rei que gostava tanto de ler que pedia aos embaixadores que lhe trouxessem livros do estrangeiro.

### → OBSERVA

- A porta monumental: parece um arco do triunfo!
- O retrato de D. João V: se reparares, à medida que avançamos, o nosso olhar é conduzido na sua direção.
- As paredes: os seus mais de 2 metros de espessura permitem manter um ambiente adequado à conservação dos livros.
- As estantes de carvalho: esta madeira liberta um cheiro que afugenta os insetos que podem destruir os livros.
- Para ajudar na tarefa, a biblioteca conta ainda com uma colónia de morcegos!
- E os livros, claro! São aproximadamente 56 000 livros antigos, incluindo uma 1.ª edição de “Os Lusíadas”.



## Uma rua totalmente dedicada ao conhecimento

No meio das ruas labirínticas da época medieval, o rei D. João III mandou abrir uma rua invulgarmente larga e reta, à qual se chamou “Sofia”, palavra que vem do grego *sophia*, que significa sabedoria.

Ao longo desta rua, construíram-se vários colégios religiosos, dos quais restam hoje sete, para albergar e dar apoio aos estudantes que vinham para a Universidade. É o caso dos Colégios de Nossa Senhora do Carmo e de Nossa Senhora da Graça, com os seus bonitos claustros, à volta dos quais se organizavam os dormitórios, a biblioteca, o refeitório ou as salas de estudo usadas pelos estudantes.

## CONSEGUES IMAGINAR... a agitação de uma rua assim?

Imagina o que seria o frenesim do primeiro dia de aulas ou da semana em que decorriam os exames finais!



## CURIOSIDADES SOBRE A VIDA DOS ESTUDANTES

- Os estudantes eram protegidos do rei: não deviam ser incomodados pelos moradores da cidade e tinham privilégios importantes (por exemplo, não pagavam portagens reais quando se deslocavam).
- Aos professores chamava-se “leitores”, pois passavam as aulas a ler, sentados em grandes cadeirões. Ao fim de algum tempo, desciam da cadeira e tiravam dúvidas.
- O dia começava com uma missa ao nascer do sol. As aulas da manhã eram chamadas “horas de prima”; as da tarde, “horas de véspera”.
- O regulamento de D. Manuel I dizia que os estudantes não podiam usar capuzes, cintos dourados ou casacos de cor amarela ou vermelha.

## Um centro de conhecimento dos quatro continentes

Já ouviste falar do Século das Luzes? E do Iluminismo? Ambos se referem a um período da História (o século XVIII) em que o pensamento científico ganhou enorme importância.

Em Portugal, este período correspondeu ao reinado de D. José I, que tinha como braço direito o famoso Marquês de Pombal, responsável por grandes mudanças no país, incluindo na educação.

Primeiro, o Marquês expulsou de Portugal a Companhia de Jesus (a ordem religiosa dos jesuítas que, em Coimbra, geria o Colégio de Jesus e o Colégio das Artes). Depois, vieram outras mudanças com o objetivo de quebrar a ligação com a Igreja ou promover o ensino das Ciências Exatas e da Natureza.

Em Coimbra, nasceram dois cursos novos, Matemática e Filosofia Natural (o nome dado às Ciências). As aulas, que até então eram dadas em Latim, passaram a ser dadas em língua portuguesa. Promoveram-se Viagens Filosóficas que levaram estudantes até África, Ásia e América do Sul para o estudo da fauna e da flora de outras paragens. E por último, mas não menos importante,



criaram-se novos espaços para estudar o mundo natural:

**Jardim Botânico:** Nele podem encontrar-se espécies trazidas de várias partes do mundo. Podes percorrer a mata, o Jardim do Fontanário, a Estufa Fria, a Estufa Grande e o Bambuzal. Em fevereiro, observa as magnólias!

**Laboratório Químico\*:** Contém muitos instrumentos usados para fazer experiências (desde os séculos XVIII e XIX).

#### **Gabinete de Física Experimental:**

Diz-se que é um dos mais impressionantes do mundo. Uma das grandes curiosidades é um íman gigante que se julga ter sido oferecido pelo imperador da China ao rei D. João V.

**Galeria de História Natural:** Foi fundada em 1722. Nela podes visitar a Sala de Vandelli (o primeiro responsável pelo Jardim Botânico). Também vais gostar da Sala do Mar, da Sala das Viagens Filosóficas, da Sala de África, da Sala das Avestruzes ou da Sala de Portugal.



#### **CONSEGUES IMAGINAR... uma revolução na Alta de Coimbra?**

Entre os anos 40 e 70 do século XX, durante a ditadura do Estado Novo, a Universidade sofreu uma enorme mudança: as ruas apertadas na parte Alta foram substituídas por ruas largas que acolheram enormes edifícios, onde foram instaladas as Faculdades. O estilo modernista — com as suas linhas geométricas — chegava à Universidade de Coimbra pela mão dos maiores mestres desse tempo (Cottinelli Telmo, Almada Negreiros ou João Abel Manta).

\* Antiga grafia de “químico” (em vigor até ao século XIX).

## Um tesouro chega até nós...

#### **Património Mundial porquê?**

A UNESCO aponta três razões principais:

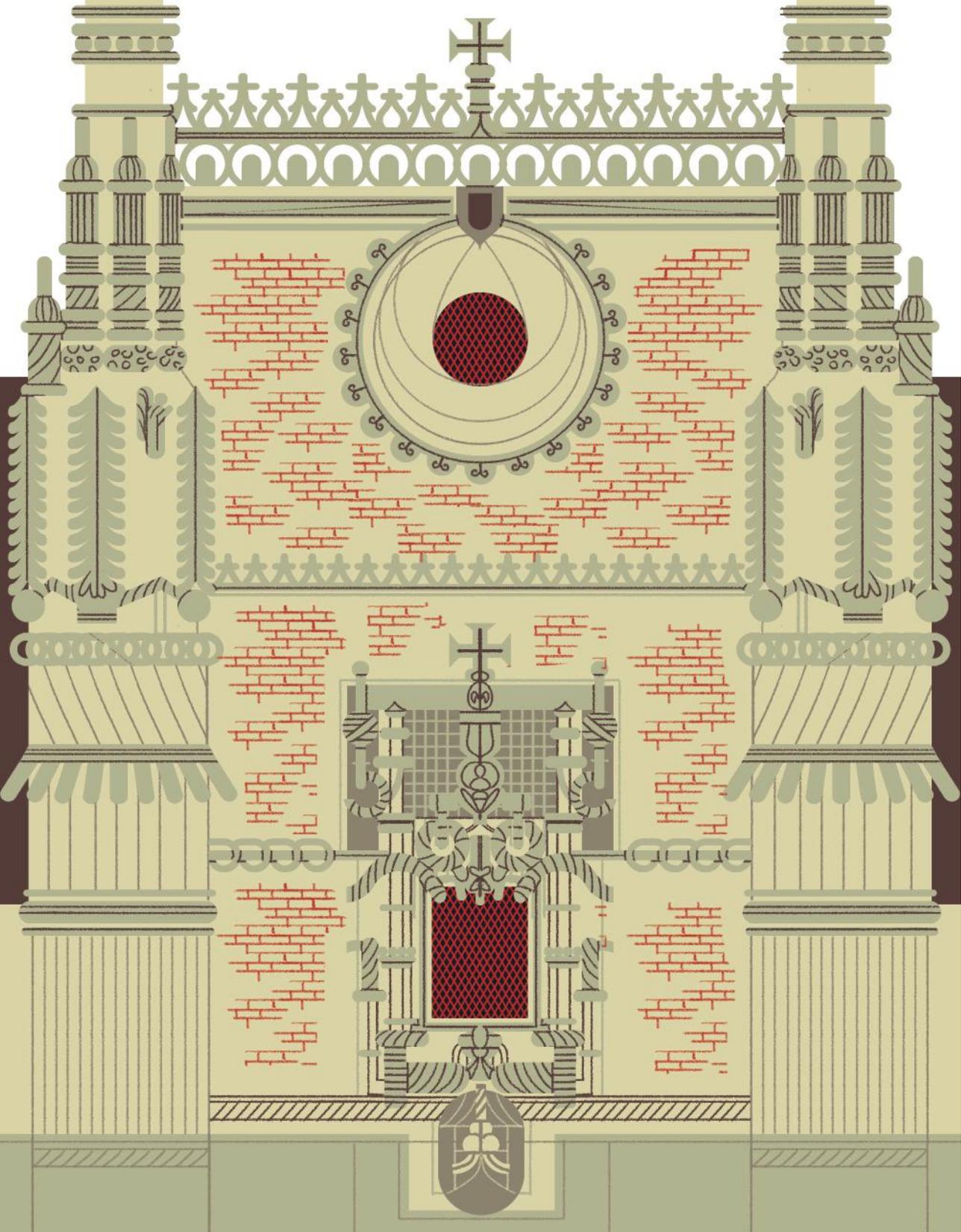
- A Universidade como local de transmissão do saber entre os territórios que faziam parte do Império Português
- O património arquitetónico de grande riqueza
- O contributo dado pela Universidade para tornar a língua portuguesa mais conhecida e falada



Numa época em que o território português se estendia por quatro continentes, Coimbra foi, durante muitos séculos, a única universidade portuguesa, tornando-se, assim, um lugar único de produção e partilha de conhecimentos. Isto significa também que os professores e escritores que por aqui passaram, os estudos e livros que aqui se produziram deram um contributo muito valioso para se criar uma língua única, falada hoje por mais de 200 milhões de pessoas! A tudo isto se acrescenta um património arquitetónico e artístico de grande riqueza: colégios, igrejas, bibliotecas, museus, laboratórios...

Os diferentes espaços que se foram construindo ou recuperando espelham bem as mudanças que aconteceram ao longo de sete séculos e são uma aula completa de História de Arte, de Urbanismo, de Geografia, de História da Ciência e de Arquitetura, para assistir enquanto se passeia pela cidade.

Nota: desde Julho de 2019, o Museu Nacional de Machado de Castro também faz parte da área classificada como Património Mundial do lugar Universidade de Coimbra - Alta e Sofia.



# CONVENTO DE CRISTO EM TOMAR

## Tudo começou assim...

### Um castelo para defender Portugal

Regressamos à época da formação do reino de Portugal e a D. Afonso Henriques (de quem já ouviste falar em capítulos anteriores).

Sabias que, na formação do nosso país, o nosso primeiro rei contou com a grande ajuda dos Cavaleiros do Templo?

Estes cavaleiros eram monges militares cristãos e pertenciam a uma ordem chamada "Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo". Ou seja, eram religiosos e soldados ao mesmo tempo! Como, nesta altura, os cristãos e os mouros lutavam entre si para conquistar o território que ia da Europa até à Terra Santa, os Cavaleiros do Templo tinham como missão proteger os peregrinos cristãos em Jerusalém e ajudar os reis cristãos nas batalhas. Foi o que aconteceu também em Portugal, onde deram uma grande ajuda a D. Afonso Henriques.

Para lhes agradecer, o nosso rei doou aos Templários um vasto território em Tomar. Na parte mais alta, Gualdim Pais, mestre da Ordem do Templo em Portugal, construiu o Castelo dos Templários e ali instalou a sede da Ordem. Foi também dentro do castelo que nasceu Tomar. Mais tarde, quando Tomar já não cabia dentro dos muros, Gualdim Pais fundou a cidade, na parte mais baixa.



Estamos no ano de 1160, mas, como podes imaginar, isto é apenas o começo... Ao castelo veio juntar-se o Convento de Cristo, de que falaremos mais à frente. Ambos se tornaram exemplos magníficos da arquitetura da sua época, mostrando-nos como há edifícios que acompanham a História de Portugal ao longo dos séculos.



→ **OBSERVA**

O Castelo de Tomar era uma fortaleza invencível, graças ao Alambor, um sistema defensivo novo que os Templários aprenderam a fazer no Oriente e depois trouxeram para Portugal.

Repara: esta rampa larga em pedra, construída junto às muralhas em torno do Castelo, dificultava qualquer estratégia de assalto. Já imaginaste o que seria tentar subir por aqui?

**Porquê neste lugar?**

O território doado aos Templários é atravessado pelo rio Nabão e possui um vale fértil muito importante que garantia o cultivo de alimentos. Nele se encontra também uma cadeia de colinas rochosas, em cujo ponto mais alto se veio a erguer o Castelo. As pedras que ali já se encontravam foram aproveitadas para a construção do Alambor, poupando tempo e trabalho na construção. A isto se chama inteligência!

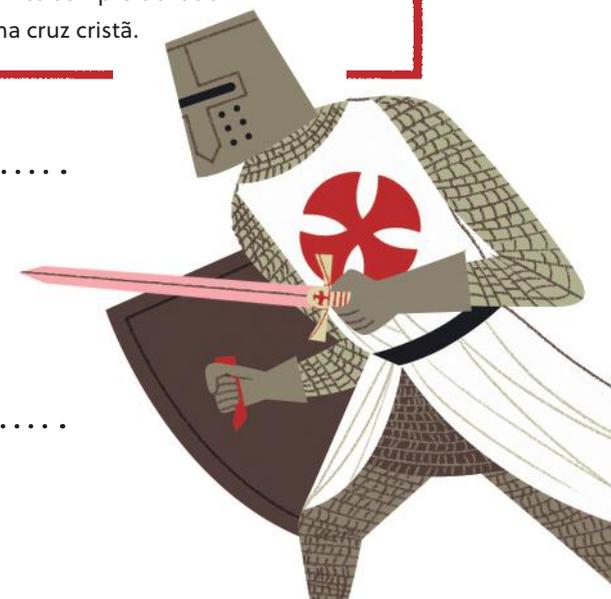
**PORQUE SE CHAMAVAM CAVALEIROS DO TEMPLO OU TEMPLÁRIOS?**

Como já deves ter ouvido, Jerusalém é considerada uma cidade santa para várias religiões, incluindo a cristã e a muçulmana. Por esta razão, peregrinos de todo o mundo viajavam (e continuam a viajar) até lá. Por esta razão também, houve grandes disputas por esta cidade!

No começo, os monges da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo tinham como missão proteger os peregrinos cristãos no caminho até Jerusalém, pois algumas partes do percurso eram perigosas. Como a Ordem se instalou no monte do antigo templo de Jerusalém, ficou conhecida como "Ordem dos Cavaleiros do Templo" ou "Ordem dos Templários". Quando os Templários foram chamados a lutar nas batalhas entre cristãos e mouros, receberam ainda outro nome: "Cruzados", porque o símbolo da Ordem (que cosiam à túnica sempre do lado do coração!) era uma cruz cristã.

→ **OBSERVA**

Agora que sabes qual o símbolo que se encontra nas suas vestes, procura-o, pois está presente em muitos elementos do Castelo e do Convento.



## A Charola — um templo para os Templários

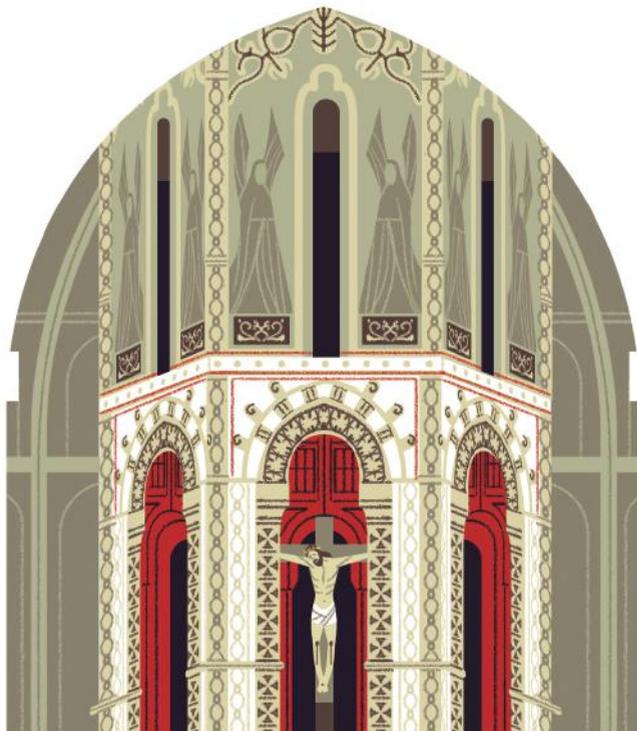
Os Cavaleiros do Templo precisavam de um espaço sagrado onde pudessem rezar a Deus e pedir coragem para as suas missões. Podiam ter construído uma capela igual às outras, mas tal não aconteceu.

Dentro do Castelo, decidiram construir uma charola, isto é, uma capela em polígono (com dezasseis lados nas paredes de fora) com um centro octogonal. À sua volta, construíram ainda um deambulatório (um corredor), no qual se reuniam todos em oração, unidos como irmãos.

→ **OBSERVA**

Podiam os Templários imaginar que a sua capela viria a ser admirada pela sua beleza e raridade, passados mais de 850 anos?

Observa a Charola, por fora. À primeira vista não parece uma igreja, mas antes uma fortaleza. Porquê? Porque tem uma forma circular e porque foi construída segundo o estilo Românico, com paredes grossas e sem janelas (das que existem na atualidade, apenas uma é do tempo dos Templários).



## CONSEGUES IMAGINAR...

### um grupo de cavaleiros a discutir ideias?

Quando conhecemos outros povos, outras culturas e outros modos, somos influenciados. As novidades misturam-se com o que já conhecemos e surgem novas ideias. Foi assim com o modelo da Charola. Na Europa não se faziam igrejas circulares, mas como os Templários viajavam para o Oriente, inspiraram-se em algumas igrejas como a Capela do Santo Sepulcro, em Jerusalém, e a Cúpula do Rochedo, à volta da qual os crentes circulavam. Imagina-os a discutirem ideias para construir a Charola...

## Como se transformaram os Templários na Ordem de Cristo?

No início do século XIV, para agradar ao rei de França Filipe IV, que era grande inimigo dos Templários, o Papa Clemente V ordenou a extinção da Ordem em toda a Europa.

No entanto, em Portugal, a história foi diferente: D. Dinis conseguiu convencer o Papa a deixar que os cavaleiros monges ficassem ao seu serviço, dizendo que precisava do seu apoio militar para proteger o país de possíveis invasões dos mouros. D. Dinis mudou o nome da Ordem para Ordem Militar de Cristo ou apenas Ordem de Cristo, salvando da prisão e até da morte os templários portugueses. É por isso que Tomar é um dos últimos sítios do mundo onde existiram Templários...

A nova Ordem de Cristo viria a ser muito importante para Portugal e para o mundo, mas, nessa altura, D. Dinis estava longe de o imaginar.



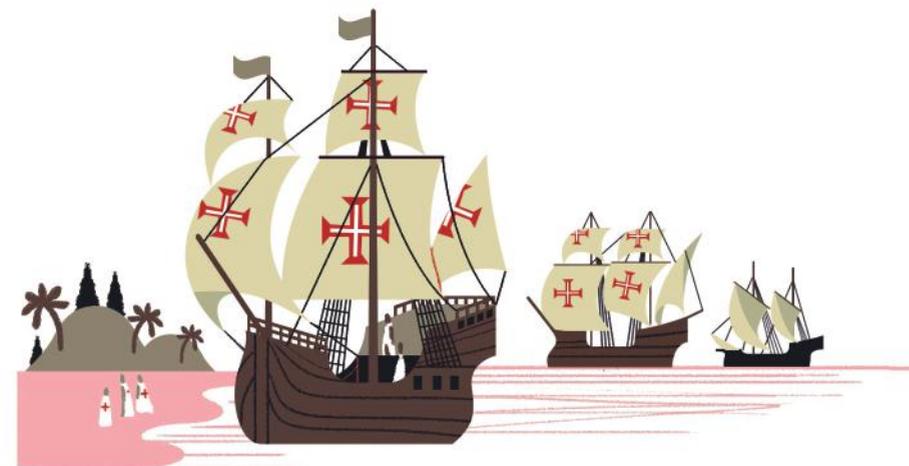
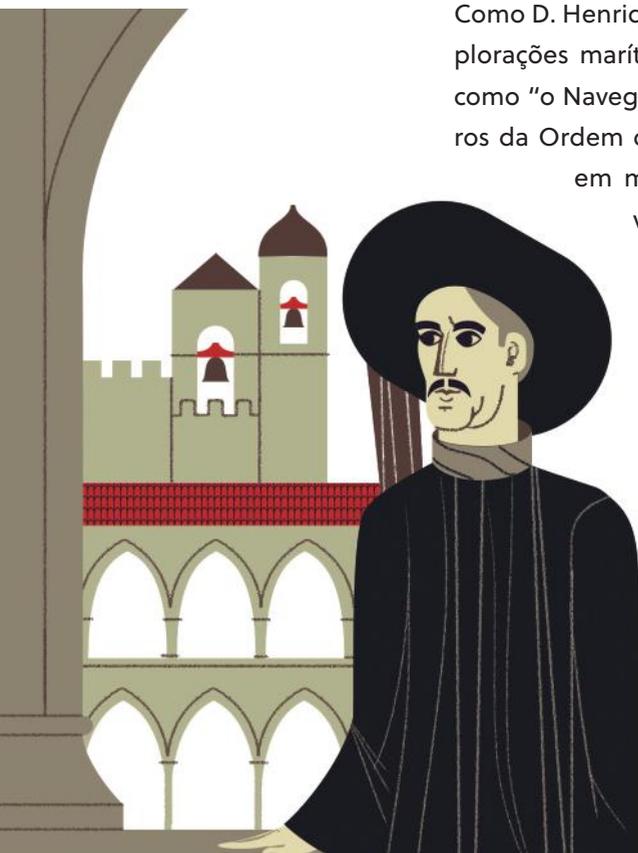
## Com o tempo...

### O castelo é habitado e ganha um convento

Saltamos agora para o século XV, quando D. João I consegue convencer a Santa Sé a deixar que o seu filho, o Infante D. Henrique, fique encarregue de tomar conta da Ordem de Cristo. Esta decisão foi muito importante porque permitiu que a Ordem se tornasse o braço direito da Casa Real portuguesa, apoiando os reis sempre que precisassem.

Como era governador da Ordem de Cristo, D. Henrique decidiu ir viver para Tomar. Para tornar o castelo a sua casa, construiu um paço (que significa palácio), no qual futuros monarcas também viriam a residir. Nele, mandou acrescentar dois claustros — o da Lavagem e o do Cemitério — dois belos exemplos de construção de arte gótica. Estes claustros serviam a vida diária dos monges da Ordem... e assim nascia o Convento de Cristo.

Como D. Henrique teve um papel fundamental nas explorações marítimas (repara que ele ficou conhecido como "o Navegador"), os freires (irmãos) e os cavaleiros da Ordem de Cristo também começaram a partir em missão nas caravelas, tornando-se navegadores. Muitos ficaram lá longe a tratar dos nossos negócios da pimenta e da canela e de muitos outros assuntos. A importância que tiveram nesta fase da História de Portugal é visível nas velas das naus portuguesas. Consegues descobrir do que estamos a falar?



### D. Manuel deixa a sua marca

Quando D. Manuel I subiu ao trono já era governador da Ordem de Cristo e tornou-se, por isso, um dos reis mais ricos de Portugal, graças aos negócios feitos com os Descobrimentos. Para ajudar a manter o Império Português, deixou que os religiosos da Ordem fossem viver e formar família em terras além-mar.

Entretanto, no Convento de Cristo, decidiu fazer obras que afirmassem todo o seu poder e contassem a grande história do seu reinado. Para isso, chamou os maiores artistas do seu tempo, entre eles Diogo de Arruda e João de Castilho, que fizeram um trabalho de tal maneira inspirado nos acontecimentos do reinado de D. Manuel (como os Descobrimentos), que criaram um novo estilo artístico, mais tarde batizado com o nome do rei — o estilo Manuelino.

(Na pág. 32, explicamos com mais pormenor este estilo.)



Os exemplos manuelinos mais marcantes do Convento de Cristo são a igreja e a famosa Janela do Capítulo.

### Uma nova igreja une-se à Charola

Para mostrar a sua glória, D. Manuel I decidiu construir uma igreja nova (de acordo com o estilo manuelino, claro), mas teve a ideia de aproveitar uma igreja que já existia, utilizando-a como capela principal! Tu sabes qual é: a Charola. Mandou deitar abaixo duas das suas paredes, ligando as duas igrejas por um grande arco. Assim se fundiram igrejas de tempos diferentes num só templo, uma igreja do século XII e outra do século XVI.

Foi uma ideia genial, não achas?

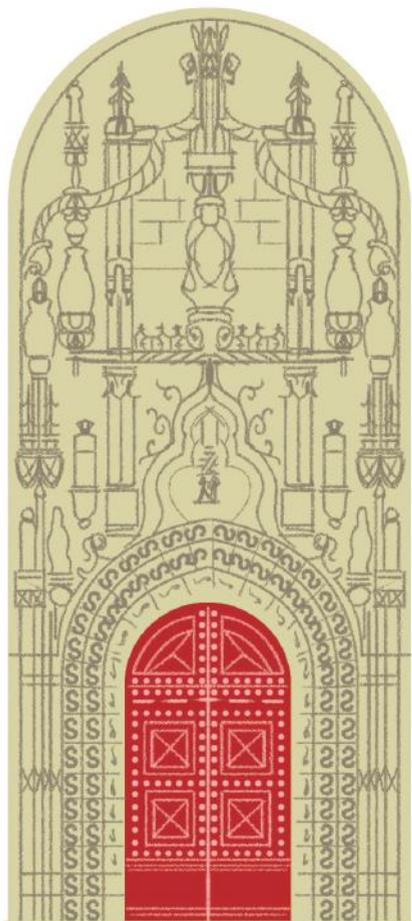
Foi uma ideia genial, não achas?

.....

→ **OBSERVA**

- O Coro Alto onde se sentavam os monges cantores (assim chamado porque se situava num piso superior).
- A Charola, que D. Manuel I mandou decorar com pinturas, esculturas e talha dourada.
- O portal da igreja.

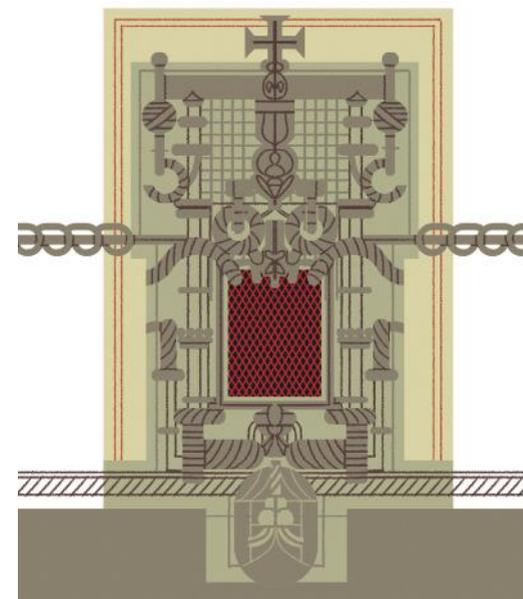
.....



### Uma janela pode ser uma obra-prima

Sabias que o elemento mais conhecido de todo o Convento de Cristo é a Janela do Capítulo? Esta janela encontra-se na Sala do Capítulo, junto à Igreja, e é considerada uma obra-prima do estilo manuelino.

As decorações são tão minuciosas que parece impossível terem sido esculpidas em pedra!



.....

→ **OBSERVA**

- Repara na altura: quatro metros, no total!
- Procura o máximo de elementos decorativos do estilo manuelino. Já conheces alguns: a esfera armilar, o brasão do reino, boias, troncos, folhagens, cordas, correntes e até a cabeça de um dragão a cuspir fogo.

.....

### Com D. João III nasce um novo convento

D. João III tinha ideias diferentes das do seu pai, D. Manuel I, em relação à Ordem de Cristo. Defendia que os freires deveriam recolher-se, em clausura, para melhor se aproximarem de Deus. Por isso, mandou que regressassem dos lugares onde se encontravam a tratar dos negócios da Ordem.

Ao Convento que já existia, do tempo do Infante D. Henrique, D. João III juntou um novo com seis claustros, dormitórios, cozinhas e muito mais. Também mandou rodear a área rural em volta do convento com um muro, a chamada cerca conventual, que limitava o espaço dos freires.



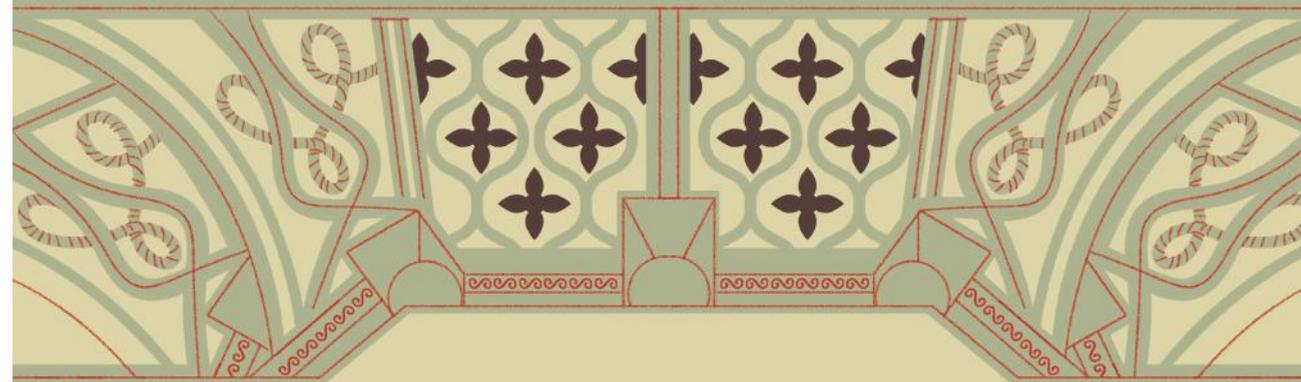
## MAIS UM ESTILO PARA APRENDERES: O RENASCENTISTA

Um dos claustros acrescentados nesta altura é o Claustro Principal, considerado uma obra-prima do estilo renascentista europeu. Este estilo surgiu na Europa, a partir do século XVI, e caracteriza-se pelas suas linhas, mais simples do que as góticas e manuelinas, com colunas clássicas (como as gregas e romanas) e elementos decorativos inspirados na natureza.



### O Convento de Cristo depois da extinção das ordens

A extinção das ordens religiosas, em 1834, contribuiu para o abandono do Convento de Cristo. Uma parte ainda veio a ser comprada e habitada pelo primeiro Conde de Tomar (que cuidou de mandar guardar o monumento e de restaurar a Charola), mas foi só a partir dos anos 40 do século XX que o Estado começou a restaurar este monumento.



### CONSEGUES IMAGINAR... um tesouro que esconde outro tesouro?

Em 1988, uma equipa encarregue de restaurar a charola retirou a cal do teto e destapou uma pintura com ramos, folhas, cordas, arcos decorados e outras figuras. Só podia ser manuelina! O mais incrível é que a pintura foi feita de forma a parecer que estes elementos foram esculpidos. A esta arte de pintar chama-se "arquitetura fingida" e supõe-se que este é o primeiro exemplo em Portugal. Mas fica uma pergunta: porque estaria coberta por cal?

## Um tesouro chega até nós...

### Património Mundial da UNESCO porquê?

Neste conjunto de monumentos, vários elementos se destacam por serem considerados originais e grandiosos:

- A Charola, um exemplo raro de uma igreja medieval de planta circular
- A Janela do Capítulo, obra-prima do estilo manuelino
- O novo Convento renascentista (o Claustro Principal), por ser um dos maiores da Europa e por ser uma obra-prima deste estilo
- O facto de neste monumento existirem duas construções que mostram dois momentos diferentes da história de Portugal: a Charola, do século XII, quando ainda se estavam a desenhar as fronteiras do reino de Portugal; e a Janela do Capítulo, do século XVI, quando o reino português sai das suas fronteiras e se expande pelo mundo

**MOSTEIRO DE ALCobaÇA**



**JOGO 1**

Alcoa + baça = Alcobaça

Lê o texto, riscando as palavras erradas:

O Mosteiro de Alcobaça foi construído no lugar onde se juntam dois **RIOS / MONTES**: o Alcoa e o Baça. Para terem **ÁGUA / LUZ** de qualidade, os monges construíram **TEATROS / AQUEDUTOS** que transportavam a água **POTÁVEL / CONTAMINADA** desde as nascentes e também uma **AUTO-ESTRADA / LEVADA** que atravessava o mosteiro.

Os monges sabiam que bons hábitos de higiene trazem **MAIS / MENOS** saúde. Uma prova disso é que não são conhecidas epidemias dentro do mosteiro.

**JOGO 2**

Quem ajudava os monges? Ainda te lembras?

Segue o labirinto de letras para descobrires como se chamavam os irmãos religiosos que ajudavam os monges a gerir as propriedades agrícolas:

N O R O C E S S V

\_\_\_\_\_

**MOSTEIRO DA BATALHA**



**JOGO 1**

Ainda te lembras?

Escolhe e escreve os nomes corretos dos frades dominicanos que viviam no mosteiro da Batalha.

**oradores — ruidosos — pregadores — mendicantes — pedintes — conquistadores**

Aos Dominicanos também chamavam frades \_\_\_\_\_ por divulgarem a palavra de Deus. Faziam parte do grupo das ordens \_\_\_\_\_ porque viviam de dádivas e esmolas.

**JOGO 2**

No Mosteiro da Batalha há três construções que são verdadeiros tesouros. Consegues identificá-las?

Liga as imagens aos nomes.



1



2



3

•  
CAPELA DO FUNDADOR

•  
IGREJA

•  
CAPELAS IMPERFEITAS



JOGO 1

Ainda te lembras das personagens desta história?

Quem assinou o documento que veio a dar origem à Universidade de Coimbra foi o rei D. Dinis. Mas muitas outras pessoas deram contributos importantes. Foi, assim, um verdadeiro trabalho de equipa! Faz corresponder cada balão à personagem certa:



Sapiência ●

2  
Sim, fui eu o fundador! Assinei o *Scientiae thesaurus mirabilis*, já ouviste falar?



● D. João V

1  
Fundi o Mosteiro de Santa Cruz, uma "semente" da futura Universidade.



● Marquês de Pombal

4  
É por causa de mim que a Biblioteca Universitária se chama Joanina. É maravilhosa, eu sei...



D. Afonso Henriques ●

3  
Fui eu que trouxe a Universidade para Coimbra. Definitivamente!



● D. Dinis

5  
Viva as Ciências e a razão! Fui eu que trouxe a Matemática para a Universidade.



D. João III ●

6  
Sou símbolo desta Universidade. Podes ver-me na Porta Férrea

ATIVIDADES



JOGO 1

Quando a Ordem dos Templários mudou o nome para Ordem de Cristo, mudou também o símbolo que a identificava: a cruz. Observa a descrição e identifica a cruz certa.

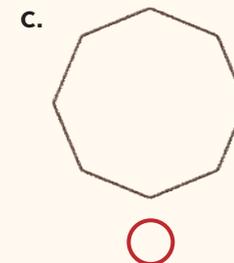
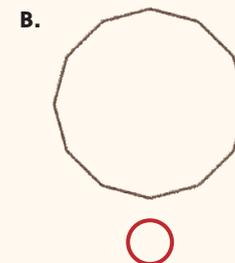
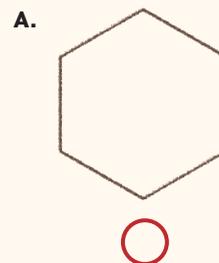


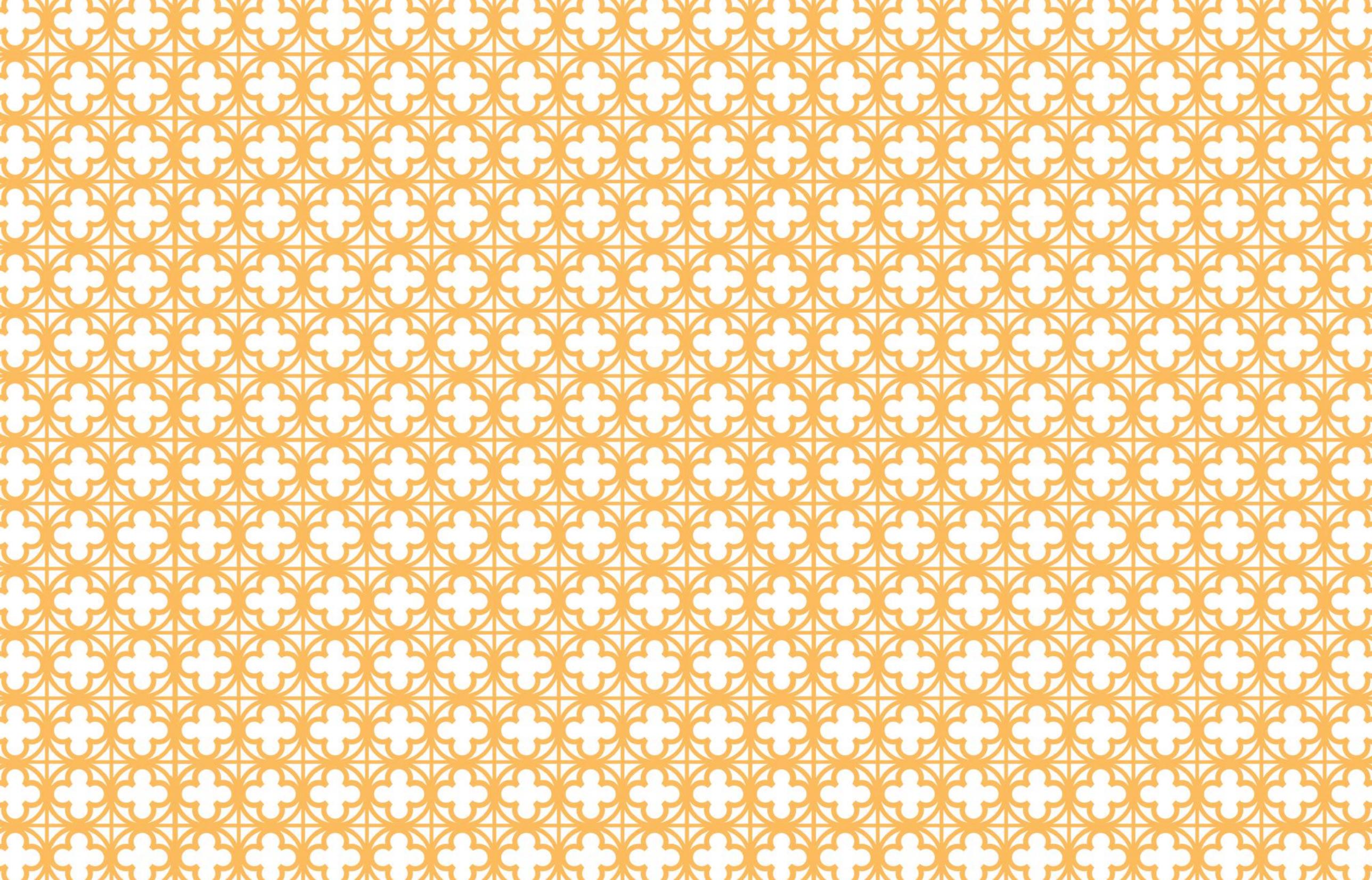
- 1 Cruz da Ordem de Cristo  
É reta e simétrica, de cor vermelha com o centro aberto a branco e tem pontas serifadas.
- 2 Cruz dos Templários  
É uma cruz pátea vermelha, assim chamada por ter braços que terminam com pontas mais largas, como se fossem patas arredondadas.

ATIVIDADES

JOGO 2

A Charola tem um espaço central octogonal no seu interior. Qual destas plantas lhe corresponde?





Imagina um tesouro que não é feito de pedras preciosas. De que é feito, então?

Imagina um tesouro que é um lugar, um lugar tão especial que o protegemos para que todas as pessoas o possam apreciar. Onde fica, então?

Agora imagina que temos em Portugal, apenas a alguns quilómetros entre si, não um, mas quatro lugares especiais que são património do nosso país, mas também da Humanidade. Se isto não é um tesouro, o que será?

Queres saber que lugares são estes?  
É isso que te convidamos a descobrir neste livro.

